



I COLÓQUIO
**AMAZÔNIAS,
CIDADES
E JARDINS**
anatomia urbana e
identidades paisagísticas
CADERNOS RESUMOS

RUBENS DE ANDRADE | JADER DUARTE FERREIRA (ORG.)

A479 Amazônias, cidade e jardins: anatomia urbana e identidades paisagísticas \ Rubens Andrade, Jader Duarte Ferreira. (Organizadores) — Rio de Janeiro: Paisagens Híbridas: UFRJ: EBA, 2015.

75p.; il., 13,5 x 23cm.

ISBN

1. AMAZÔNIA 2. CIDADE 3. JARDIM 4. URBANO 5. PAISAGENS I. Andrade Rubens II. Ferreira, Jader Duarte III. Universidade Federal do Rio de Janeiro-Escola de Belas Artes IV. Paisagens Híbridas.

CDD 7120918.11

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE BELAS ARTES/ UFRJ

Prof. Dr. Carlos Gonçalves Terra

Diretor

Profa. Dra. Madalena Grimaldi

Vice-Diretora

Grupo de pesquisas Paisagens Híbridas - EBA/UFRJ

Prof. Dr. Rubens de Andrade

UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA

Prof. Dr. José Janguê Bezerra Diniz

Reitor

Profa. Dra. Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo

Vice-Reitora

Prof. Dr. Luiz Benedito Varela

Pró-Reitor de Graduação

Profa. Dra. Ana Maria Albuquerque Vasconcellos

Pró - Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão

Prof. Me. Mário Tito Barros Almeida

Diretor do Centro

Prof. Me. Jader Duarte Ferreira

Coordenador do Curso de Licenciatura em Geografia

PROJETO EDITORIAL

Grupo de pesquisas Paisagens Híbridas - EBA/UFRJ

ORGANIZAÇÃO

Rubens de Andrade

Jader Duarte Ferreira

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Rubens de Andrade

FICHA CATALOGRÁFICA

Nara Ferreira Oliveira

REALIZAÇÃO

Grupo de pesquisas Paisagens Híbridas - EBA/UFRJ

Universidade da Amazônia | UNAMA

Curso de Licenciatura em Geografia

APOIO

Aldones Nino (EBA/UFRJ)

Ana Maria Barbosa Maia (UNAMA)

Ananda do Socorro Oeiras dos Reis (UNAMA)

Anderson Coelho Borges (UNAMA)

Iranildo dos Santos Teixeira (UNAMA)

Layane Martins Trindade (UNAMA)

Mariana Martins (EBA/UFRJ)

Paula de Lís Vieira Mendonça (UNAMA)

Philippe Deleon Correa de Sousa Pontes (UNAMA)

Regina Ferreira Mata (UNAMA)

GRUPO DE PESQUISAS PAISAGENS HÍBRIDAS – EBA/UFRJ

www.paisagenshibridas.com.br | paisagenshibridas@gmail.com br



RUBENS DE ANDRADE
JADER DUARTE FERREIRA
(ORG.)

I COLÓQUIO
**AMAZÔNIAS,
CIDADES
E JARDINS**
anatomia urbana e
identidades paisagísticas
CADERNOS RESUMOS

Paisagens Híbridas
Rio de Janeiro
1ª. Edição
2015

SUMÁRIO



- 9 APRESENTAÇÃO
Amazônias, cidades e jardins: anatomia urbana e identidades paisagísticas
Rubens de Andrade e Jader Duarte Ferreira
- 14 A arte de elaborar jardins e a construção da paisagem no Brasil
Carlos Gonçalves Terra
- 19 ESPAÇO-PAISAGEM E CIDADE:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES NA
CONSTRUÇÃO DA URBANIDADE
- 20 O espaço urbano como artefato e como referência:
possibilidades de interação entre o edificado e o vernacular na paisagem do Centro histórico de Belém do Pará.
Edgar Monteiro Chagas Junior
- 24 A impureza da paisagem no limite da natureza:
visões da metrópole sobre as imagens de Afuá no trabalho de Éder Furtado
Aldemar Norek
- 31 ESPAÇO-PAISAGEM E CIDADE: DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES NA CONSTRUÇÃO
DA URBANIDADE AMAZÔNICA
- 32 Jardins flutuantes para embelezar e bem cheirar as cidades amazônicas – o caso dos jardins suspensos do Bolonha na Praça Conde Koma
João Meireles Filho
- 36 Amazônia: novas territorialidades, pluralismo cultural e a paisagem
Jader Duarte Ferreira
- 40 A ornamentação da natureza: praças, parques e jardins na Belém histórica
Geraldo Martires Coelho

- 45 TEMPORALIDADES HISTÓRICAS E O
CONTEXTO SOCIOESPACIAL DA PAISAGEM
AMAZÔNICA
- 46 Produção das desigualdades socioespaciais em
cidades médias amazônicas: análise de Santarém
e Marabá, Pará.
Jovenildo Cardoso Rodrigues
- 48 As dinâmicas das paisagens de Belém (PA):
memórias, ruínas e imaginários no mundo urbano
Flávio Silveira
- 50 Os desafios do estatuto da metrópole para o
planejamento e a gestão metropolitanos no
estado do Pará
Helena Zagury Tourinho
- 55 O PENSAR PAISAGÍSTICO AMAZÔNICO:
CULTURA E ARTE DOS JARDINS URBANOS
- 56 A paisagem da “nova” Belém: a emergência de
objetos em detrimento de lugares
José Júlio Ferreira Lima
- 60 O pensar paisagístico: cultura e tecnologia nos
jardins urbanos da amazônia
Pedro Mergulhão
- 64 Jardins urbanos e a *forma-jardim* como vetores
de transformação da paisagem e dos *habitus* da
sociedade amazônica
Rubens de Andrade
- 67 AUTORES
- 73 AGRADECIMENTOS

AMAZÔNIAS, CIDADES
E JARDINS: ANATOMIA
URBANA E IDENTIDADES
PAISAGÍSTICAS



O COLÓQUIO AMAZÔNIAS, cidades e jardins: anatomia urbana e identidades paisagísticas se justifica como fórum de debate que visa aproximar as teorias da paisagem às práticas sócio-espaciais que constituem o desenho das cidades amazônicas, sejam aquelas que alcançaram o status de grande metrópole, as que nasceram sob o signo de projetos desenvolvimentistas das décadas de 1970 e 1980, as de pequeno porte ou, ainda, as constituídas em pequenos povoados em meio à floresta ou às margens dos rios. As questões correlacionadas às trajetórias históricas, às escalas e aos cotidianos destas cidades, vistas à luz do campo de estudos da paisagem, oferecem um amplo aparato de ferramentas que, não apenas deflagram novas interpretações deste ambiente, bem como nos dizem muito a respeito da anatomia urbana destas cidades e das identidades paisagísticas da região em que nasceram.

No arco analítico que se formaliza neste processo não surgem apenas elementos que instigam a reflexão de conjunto de fenômenos urbanos que se sobressaem nesse cenário: emerge também um debate cuja perspectiva, conforme observa Jean Marc-Besse, auxilia, substantivamente, o “ler” a paisagem e “perceber” os modos de organização do espaço. Nesta ordem discursiva, o binômio paisagem-espaço, inscrito no universo amazônico, ganha relevância ao tentar não apenas interpretar a dinâmica das cidades amazônicas, mas também dimensionar, como na atualidade, estas cidades ainda estão à sombra da floresta, no ritmo das águas de rios, igarapés e da chuva, elementos que constituem a cultura desse povo, e mais, que cadenciam o seu cotidiano urbano, criam ritmos, silêncios, esperas, turbilhões.

Tais aspectos de ordem natural, somados à dinâmica da vida na cidade, seja lá quais forem as suas dimensões, definem o eixo central de

discussão deste colóquio. Paralelo a isso, destaca-se que também ganharão relevo neste debate as questões relacionadas à morfologia, aos usos, fluxos e aos simbolismos de praças, parques, jardins públicos e privados e demais espaços livres da cidade em um espaço-tempo trans-histórico. Para alcançar tais ideias, buscar-se-á:

1. Dimensionar a potência da floresta e sua reação com a cidade na atualidade, uma vez que, antes, a floresta surgia como a linha limite da civilização, a fronteira definidora do território dominado pelo homem, o espaço que sugeria uma separação, fronteira que no caso da vida do homem amazônico parece nunca ter sido interrompido de fato;
2. Expor o desenho das cidades amazônicas e as suas silhuetas, tentando antever os limites entre a natureza na sua forma bruta e aquela que processa e cria ambientes paisagísticos no urbano;

3. Revelar fragmentos da tradição paisagística amazônica herdada de séculos passados que ainda vigoram no tempo contemporâneo.

Desse modo, o *I Colóquio Amazonas, cidades e jardins - anatomia urbana e identidades paisagísticas* tem como foco reinterpretar o *status quo* que a flora, os rios e igarapés, ou seja, toda a dinâmica da natureza amazônica, adquirem ao se impor no espaço-tempo das cidades dessa região, participando intensamente da vida dos seus cidadãos, seja na percepção do passar do tempo, da localização e das questões de sobrevivência que não estão afastadas das cidades amazônicas como daquelas de outras regiões. Tal dinâmica surge, enfim, com outras vestes, metamorfoseada em espaços de prazer como por exemplo os jardins, ainda que se manifestem em poucas dimensões espaciais e numa cidade cada vez mais artificializada, onde as questões sobre as quais aqui refletimos não são pensadas com a devida relevância nas esferas administrativa e política. De

que modo então podemos pensá-las e transformar
teoria e reflexão em prática social e política? Eis o
nosso desafio.

*Rubens de Andrade
Jader Duarte Ferreira*

A arte de elaborar jardins e a construção da paisagem no Brasil

CARLOS GONÇALVES TERRA



COM A ALTERAÇÕES DAS ESTRUTURAS sociais e culturais surgiram variados tipos de jardins para satisfazer às diversas necessidades do ser humano, da sobrevivência ao lazer. Os primeiros, denominados utilitários, para suprir as exigências materiais (o que tem uma utilidade prática: hortas, pomares e/ou de plantas medicinais). Outros para o estudo das plantas – o jardim científico. Finalmente, para atender as necessidades espirituais ou a vaidade humana surge o jardim do prazer (também denominado ornamental e representando simbolicamente, na maioria das vezes, o status social do proprietário). Os jardins têm características próprias, que alteram suas formas de acordo com os estilos de cada período. As interpretações estilísticas estão ligadas ao pensamento estético-paisagístico da época em que o jardim é elaborado, principalmente no que tange ao seu planejamento formal, influenciado pela maneira de perceber a natureza, naquele momento. O estudo do paisagismo no Brasil, no século XIX, no período do segundo reinado, tem o objetivo de fornecer subsídios para comparações com os modelos europeus

já altamente desenvolvidos. As cidades sofreram transformações no seu contexto urbano, com a inserção de diversos espaços verdes, embora muitas delas fossem rodeada por uma vegetação esplendorosa, que chamava a atenção de todos os que aqui chegavam, principalmente os viajantes, como se pode observar por seus relatos. Os jardins do século XIX seguiram, predominantemente, uma estrutura voltada para o modelo paisagístico, desenvolvendo-se de uma maneira quase uniforme, em todos os países europeus e nas cidades brasileiras. No século XX a cidade se estrutura dentro de novos conceitos do urbanismo, embora as teorias que aparecem desde o início do século nem sempre se materializaram efetivamente nos diferentes momentos na organização do espaço urbano. Por outro lado, acentua-se a preocupação com a natureza e a sua incorporação a essa nova cidade que cria forma. Novas tecnologias são utilizadas na arte de cultivar os jardins, criando paisagens onde a máquina influencia toda a sua estrutura desde o projeto até a sua manutenção, com o controle da luminosidade, da umidade e da temperatura entre outros elementos. Do ponto de vista

formal a elaboração da paisagem segue as diversas vanguardas artísticas do século. Em alguns momentos as formas e os objetos que compõem a paisagem retornam do passado e se mesclam com os novos modelos que surgem. Os espaços verdes se integram à arquitetura e a rapidez da vida moderna, demandando uma vegetação que necessite de poucos cuidados, onde os gramados e árvores de grande porte dividem esses espaços com as obras de arte em alguns dos jardins contemporâneos. Por esses motivos surgem os novos modelos como, por exemplo, o jardim de esculturas, o jardim selvagem, jardim do deserto e o jardim vertical, que se tornam partes integrantes de uma paisagem nova, que baseia a sua implantação nos conceitos artísticos, sociais e culturais atuais. Dessa maneira, fica evidente que os séculos XX e XXI na sua continuação, buscam na tecnologia unida à teoria e ao homem, um jardim mais funcional e prazeroso. Dessa maneira, pretendemos resgatar a memória desses espaços paisagísticos que caracterizaram o início da paisagem construída no Brasil.



ESPAÇO-PAISAGEM E
CIDADE: DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES NA
CONSTRUÇÃO
DA URBANIDADE
AMAZÔNICA



O espaço urbano como artefato e como referência: possibilidades de interação entre o edificado e o vernacular na paisagem do Centro histórico de Belém do Pará.

EDGAR MONTEIRO CHAGAS JUNIOR



PENSAR O ESPAÇO URBANO PARA além do edificado é a diretriz que norteia a contribuição desta exposição. Se deve ao fato de que tem se tornado cada vez mais comum as intervenções urbanísticas produzidas a partir das possibilidades do uso de distintivos culturais de cidades que passaram nos últimos anos a se atrelar às políticas de ordenamento de espaços da cidade com base no consumo turístico. Em Belém, observa-se que estas transformações possuem uma delimitação territorial que tem o seu centro antigo como espaço principal de intervenções estéticas a partir de incrementos arquitetônicos e refuncionalização de antigos casarões, galpões, mercados e praças agenciados e notabilizados com o suporte da paisagem cultural local, como intensão de se potencializar – pela forma – o apelo para o particular, aquilo que colabora na promoção da cidade frente às necessidades de criação sobre o conteúdo vernacular do lugar. No entanto, observa-se que neste ambiente, é possível perceber um outro tipo de informação relacionada

ao que se produz na rua, como as manifestações culturais reveladoras de arranjos sociais formadores de sentidos e referências como contraponto das intenções do mercado sobre o espaço público. Para além de se pensar o que está em jogo ante as determinações de ações gentrificadoras ou de vitrinização da cidade contemporânea, nos atemos a maneira pela qual as práticas culturais do local podem dar subsídios para se perceber uma outra paisagem, menos convencional e mais produtora de significados, sem deixar de ter o suporte do artefato edificado por sua natureza dinâmica e histórica.

AMAZÔNIAS,
CIDADES
E JARDINS

anatomia urbana e identidades paisagísticas



A impureza da paisagem no
limite da natureza:
visões da metrópole sobre as
imagens de Afuá no trabalho de
Éder Furtado

ALDEMAR NOREK



JÁ SE DISSE FARTAMENTE QUE vivemos uma época de inflação das imagens: tudo parece ser reduzido a imagem, e quando tudo é imagem, aquilo que se quer afirmar como tal tem que imprimir uma força e uma profundidade acima do que informa a sua contemporaneidade. As perguntas mais necessárias diante do presente quadro parecem ser: o que traz a uma imagem o valor necessário para que mereça ser vista? de que modo uma imagem pode mover nossos afetos e provocar nossa reflexão? “A imagem nunca é uma realidade simples”¹. Roland Barthes² buscou a especificidade das imagens fotográficas: há nelas o modo sensível pelo qual nos afetam, fora do logos, puro pathos, efeito que ele denominou punctum (literalmente, “o que me punge”³), que ele opõe ao studium, conjunto de significações que a imagem transmite. Como “os raios retardados de uma estrela” que vemos no céu quando ela já não mais lá está, a fotografia nos atinge, nos toca aqui e agora.

A questão se problematiza quando adentramos com tais questões o conceito de paisagem, e adquire matizes de complexidade quando adicionamos a ele o deslocamento físico e/ou temporal em relação ao objeto, num país continental em que os habitantes das regiões Sul e Sudeste nos sentimos, de algum modo, estrangeiros em relação à região Amazônica. Se, nesse caminho, pensarmos a paisagem como campo apoiado na malha de discursos historicamente construídos, como aqueles instaurados sobre o *ut pictura poesis* e todas as categorias estéticas formuladas nos séculos XVII e XVIII - e que nos vêm segundo até o presente - , adicionados os discursos inscritos no corpo - principalmente por meio da visão, mas não apenas -, a enorme coleção de imagens daquela região que nos chega incessantemente através dos mais diversos suportes e dispositivos torna-se, ela mesma, um emaranhado de difícil decifração, um signo do deslocamento: há uma distância entre

discursos e representações que intuímos, mas não sabemos precisar.

As fotografias de Éder Furtado materializam como poucas as duas potências das imagens descritas por Barthes, e materializam o problema de sua interpretação por olhares impregnados de discursos estrangeiros ao seu objeto, aos quais seria necessário um aparato etnográfico para sua correta decifração, e, em alguns casos, a tensão entre paisagem e natureza. Elas se afirmam como textos que nos relatam uma realidade que, distante e diversa demais, desconhecemos ou não conhecemos em profundidade – a história de Afuá vai sendo registrada e se oferece ao trabalho de interpretação, seja por que viés for: histórico *stricto sensu*, antropológico, sociológico, arquitetônico, urbanístico; enquanto isso, elas explodem diante de nossos olhos e nos atingem com sua força de cores e formas: igarapés, redes, chalanas, folhas, rostos, painéis, bicicletas, palafitas que se erguem sobre as águas, mãos,

ruas, rios, olhares, cemitérios, saltos no vazio, crepúsculos, pés, canoas, praças, praias fluviais, tudo nos atinge no que parece ser seu máximo esplendor, instante roubado ao fluxo incessante da existência pelas mãos de um artista que brotou daquela realidade com a força da vegetação que envolve as águas dos rios e lhes transmite a cor esverdeada, com a força da terra que também impregna aquelas águas com sua cor barrenta, com a profundidade do céu que também tinge, por vezes, as mesmas águas de um azul intenso. É deste amálgama que tais imagens são feitas, e por esta alquimia elas nos contaminam e nos modificam.

¹ RANCIÈRE, Jacques. *O destino das imagens*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.p. 14.

² BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

³ *Idem, ibidem*. p. 68

AMAZÔNIAS,
CIDADES
E JARDINS

anatomia urbana e identidades paisagísticas



À SOMBRA DA FLORESTA,
ÀS MARGENS DOS RIOS:
REGIONALISMOS,
PLURALISMO CULTURAL E
PAISAGEM NA AMAZÔNIA



Jardins flutuantes para
embeleazar e bem cheirar as
cidades amazônicas – o caso
dos jardins suspensos do
Bolonha na Praça Conde Koma

JOÃO MEIRELLES FILHO



MORADORES DOS BAIROS de Reduto e Nazaré, região central de Belém, entre os quais inclui-se o autor, organizaram a AMABOLONHA – Associação de Defesa do Palacete Bolonha e Entorno, para agir com protagonismo na melhoria da qualidade de vida destes bairros. A primeira ação foi cuidar do jardim público, até então abandonado, obtendo concessão da SEMMA-Belém. Este jardim situa-se na passagem de pedestres entre a Travessa Benjamim Constant e a Passagem Bolonha, em região que circulam milhares de pessoas e veículos diariamente. Este possui 6 m x 30 m aproximadamente. A proposta paisagística inspira-se na tradição ribeirinha, de hortas e herbários suspensos em antigas canoas (casquinhas). Serão instaladas 5 canoas, a 1 m do chão, e plantadas com ervas medicinais, culinárias e mágicas. Cada canoa representará biomas de regiões que compõem a base da cultura regional – Amazônia, Américas, África, Europa e Ásia. Para sua manutenção, a AMABOLONHA busca parcerias

com escolas, empresas e moradores próximos. Na Câmara de Vereadores há pedido de nomear o local como Praça Conde Koma, homenagem ao ilustre morador, fundador do Jiu Jitsu no Brasil, que morou na Passagem Bolonha. Espera-se com esta ação, utilizar o jardim para interação com diferentes públicos, plantando, colhendo, realizando atividades de educação ambiental; e estimular iniciativas similares pela cidade e na Amazônia, valorizando a cultura ribeirinha e aumentando o sentido de pertencimento dos cidadãos de Belém perante suas áreas verdes de Belém. A AMABOLONHA está sendo incubada pelo Instituto Peabiru, organização socioambiental atuante na Amazônia.

AMAZÔNIAS,
CIDADES
E JARDINS

anatomia urbana e identidades paisagísticas



Amazônia: novas territorialidades, pluralismo cultural e a paisagem

JADER DUARTE FERREIRA



À SOMBRA DA FLORESTA, às margens dos rios:
Regionalismos, pluralismo cultural e paisagem na Amazônia. Esses elementos posto no bojo da discussão nos remetem ao pensamento de que a grandeza da Amazônia não se dá somente pela dimensão do seu território, dos seus rios e da sua floresta, vai muito mais além. Esta, fundamentada principalmente, na grandiosidade do componente étnico do povo que habita há séculos a região e, que impõe características ímpares como contributo ao regionalismo e pluralismo cultural. Nesse caminho novas formas de territorialidades se fazem presentes na realidade amazônica, transformando, estruturando e reestruturando o território. Nessa questão, chama atenção os diversos impactos que ocorrem na Amazônia, seja de ordem social, cultural, econômica ou ambiental, que são cada vez mais visíveis, principalmente, a partir da segunda metade do século XX, quando o Estado brasileiro desenvolve uma série de políticas públicas voltadas para a integração do espaço amazônico à dinâmica

econômica nacional e internacional. Dessas políticas surgiram “slogans” como “Integrar para não entregar”, “Homens sem terra para terras sem homens” que de alguma forma, favoreceram e influenciaram diversos fluxos migratórios com origem em outras regiões, principalmente nordestinos e sulistas a buscarem melhores condições de vida na imensidão do espaço amazônico. Anterior a esses migrantes, já habitavam a região: indígenas, portugueses, africanos, holandeses, franceses, judeus e outros povos que contribuíram de forma significativa para a configuração de diferentes paisagens que se formam e transformam, ao longo dos séculos na Amazônia, atrelados nos diferentes “ciclos” de desenvolvimentos econômicos ocorridos nessa região.



A ornamentação da natureza: praças, parques e jardins na Belém histórica

GERALDO MÁRTIRES COELHO



A INSERÇÃO DA AMAZÔNIA NA história e nas mentalidades do mundo moderno deu-se nos primórdios do século XVI, quando os espanhóis, singularizados na figura dos navegadores Vicente Yañez Pinzon e Francisco de Orellana, desceram o rio Amazonas – *O Mar Dulce*, segundo Pinzon – até a sua foz, no Oceano Atlântico. O maravilhoso dominou a maneira de ver e sentir daqueles europeus, como consta da Relação de Frei Gaspar de Carvajal, escrivão da frota de Orellana, no tocante à lenda das Amazonas, as mulheres guerreiras que o religioso afirma ter visto na floresta amazônica. A Amazônia, o *inferno verde* atribuído a Euclides da Cunha, e Belém, esta ao longo da sua história, seriam imagens recorrentes da floresta e do rio nos vastos domínios da sua conquista colonial. De há muito Belém é conhecida como a *Cidade das Mangueiras*. Oriundas da Ásia, mas trazidas do nordeste pelos portugueses, as mangueiras, desde o início do século XVIII, incorporaram-se à história de Belém. O nome do arquiteto Antônio Landi está ligado a experimentos

botânicos com as mangueiras, sem, contudo, que as mesmas passassem a integrar o ambiente urbano de Belém. Em outras palavras, a chegada das primeiras mangueiras na Belém setecentista não significou que, do século XVIII à primeira metade do século XIX, as grandes árvores passassem a ficar dispostas na forma de túneis nas ruas e avenidas centrais de Belém como ainda hoje são visíveis. Foi somente no século XIX, no entanto, que as mangueiras passaram a integrar a arborização da cidade, principalmente na sua área central, formando os túneis ainda hoje visíveis nas principais vias da cidade. Durante a *belle époque* da borracha (1880-1910), particularmente nos anos da Intendência de Antônio Lemos (1897-1912), Belém passaria a ser objeto de uma política de arborização e de ajardinamento. Grandes e atraentes praças públicas começaram a se integrar nos quadros da realidade urbana da cidade, em muito nascidas sob as influências dos jardins públicos europeus, principalmente os parisienses. No caso das mangueiras, o projeto urbanístico de Lemos

promoveu a plantação de centenas de mudas de mangueiras importadas da Índia, decorando e arborizando (com os túneis de mangueiras) as novas avenidas e *boulevards* que a política lequista abria na cidade, seguindo o modelo da reforma urbanística de Paris. O projeto e o programa urbanístico de Belém mantidos por Lemos, contou, inclusive, com técnicos europeus especialmente contratados para esse fim. É, nesse sentido, que nasceria a conhecida Paris nos Trópicos, metáfora aplicada à Belém para ressaltar a dimensão inovadora e revolucionária do urbanismo de Antônio Lemos.



TEMPORALIDADES
HISTÓRICAS E O CONTEXTO
SOCIOESPACIAL DA
PAISAGEM AMAZÔNICA



Produção das desigualdades socioespaciais em cidades médias amazônicas: análise de Santarém e Marabá, Pará.

JOVENILDO CARDOSO RODRIGUES



A CIDADE E O URBANO AMAZÔNICO, deste início do século XXI, vêm passando por profundas transformações, associadas a determinações inerentes à reprodução do capital no espaço urbano-regional, ao avanço de novos agentes econômicos, à urbanização territorialmente seletiva, assim como a processos de “reestruturação urbana e reestruturação da cidade”, elementos que têm contribuído para a produção das desigualdades socioespaciais. Levando em consideração os elementos apresentados, como vem se configurando a produção das desigualdades socioespaciais nas cidades de Santarém e Marabá, no início do século XXI. No plano das particularidades, que se refere à condição de cidades médias na Amazônia, a mudança na natureza da produção do espaço de Santarém e Marabá vem contribuindo para a reprodução das desigualdades socioespaciais, que se apresentam de maneira mais acentuada na segunda cidade. No plano geral, relativo à urbanização, o acúmulo de tempos desiguais, a coexistência de antigas e novas temporalidades e espacialidades urbanas desiguais, associadas ao ritmo, densidade e intensidade dos processos de transformações, engendram formas e conteúdos que expressam ações, diferenciações e desigualdades socioespaciais.

As dinâmicas das paisagens de Belém (PA): memórias, ruínas e imaginários no mundo urbano

FLÁVIO SILVEIRA



A PROPOSTA DO TRABALHO É A de discutir as dinâmicas das paisagens no mundo urbano belenense a partir das memórias de alguns de seus habitantes, mais diretamente de antigos moradores/trabalhadores nos/dos bairros do Reduto, da Cidade Velha e de Batista Campos, buscando compreender as complexas relações entre o processo de arruinamento, as memórias pessoais ligadas à vida coletiva na cidade e a potência do imaginário nas suas diversas manifestações presentes no viver/praticar a cidade ao longo do tempo. Nestes termos, a aposta numa antropologia do sensível possibilitaria acessar certas sutilezas do viver a cidade mediante as formas sociais relacionadas aos contrutos humanos, tocando, ainda, a face melancólica do tempo citadino associada ao derruído e à finitude dos modos de vida, que indicariam as tensões próprias a um saber-viver os espaços praticados (Certeau, 1994) aliadas às transformações, mais ou menos violentas, das paisagens urbanas.

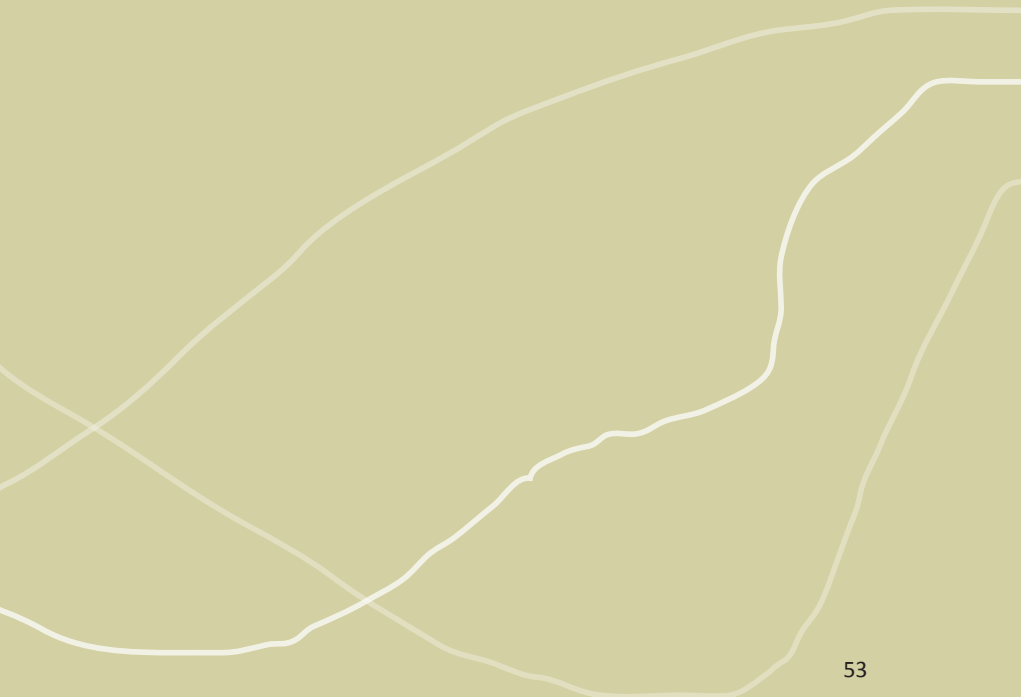
Os desafios do estatuto da metrópole para o planejamento e a gestão metropolitanos no estado do Pará

HELENA LÚCIA ZAGURY TOURINHO



ATÉ A CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988, cabia à União a atribuição de criar regiões metropolitanas no país. A partir da Carta Magna, coube aos Estados esta responsabilidade. Como resultado, uma série de regiões metropolitanas foram instituídas no país, seguindo critérios e respondendo a interesses bastante variados. No Estado do Pará, a Região Metropolitana de Belém que fora criada em 1973 com dois municípios, passou por sucessivas ampliações. Além disso, foi instituída a Região Metropolitana de Santarém e apresentados, na Assembléia Legislativa, projetos de criação de mais quatro Regiões Metropolitanas. Em que pese todo este aparato legal, até 2015, nenhuma das regiões criadas foram efetivamente implementadas. Com advento do Estatuto da MetrÓpole (Lei Federal 13.089/2015), um conjunto de obrigações foram impostas aos Estados e municípios metropolitanos, dentre os quais os de: definição das funções públicas de interesse comum; estabelecimento de sistema de governança interfederativa com

participação da sociedade civil; e elaboração e implementação de Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado. A apresentação e o artigo visam a tratar dos desafios colocados pelo Estatuto da Metrópole, apontando os problemas decorrentes da ausência de uma definição clara do que é o fenômeno metropolitano do ponto de vista do planejamento e da gestão territorial urbana na Amazônia e discutindo as dificuldades que a União, o Estado do Pará e os municípios metropolitanos paraenses estão enfrentando para fazer cumprir as determinações do referido Estatuto.





O PENSAR PAISAGÍSTICO
AMAZÔNICO:
CULTURA E ARTE
DOS JARDINS URBANOS



A paisagem da “nova” Belém: a emergência de objetos em detrimento de lugares

JOSÉ JÚLIO FERREIRA LIMA



A EXPANSÃO URBANA DE BELÉM na primeira década dos anos 2000 e mais acentuadamente nos anos 2010 vem sendo conduzida pelo mercado imobiliário e pelo Estado na direção dos eixos viários da rodovia tornada avenida Augusto Montenegro e rodovia BR 316 e entornos. As novas ocupações na forma de condomínios exclusivos horizontais e verticais, ladeados por conjuntos habitacionais de diversos períodos da política habitacional estão conformando o que Frederico Holanda classifica como paisagem de objetos. Esta paisagem seria caracterizada por edificações soltas em quadras de grandes dimensões sem a conformação de uma fachada urbana capaz de compor visuais viárias na escala dos pedestres devido a ruas largas, privilegiando-se o veículo particular. Em contrapartida, acostumados com aquilo que o mesmo autor chama de paisagem de lugares na composição de bairros da Primeira Léngua Patrimonial de Belém, evoca-se a qualidade de lugares criados pela composição de edificações

próximas, em alguns casos sem afastamento, com alinhamento na calçada, remetendo o transeunte a uma vivência urbana de áreas públicas na escala humana. Diante destas constatações propõe-se uma reflexão sobre a contraposição entre as duas paisagens, buscando afastar-se do elogio e rejeição para incluir no debate aspectos referentes a expectativas humanas de fruição na paisagem, aproveitamento de políticas urbanas viárias para articular e compactar o que as tipologias construídas nas novas ocupações afastam. Seria o caso de compatibilizar principalmente as alterações demandadas pelo sistema de transporte com a centralidades urbanas em transformação.



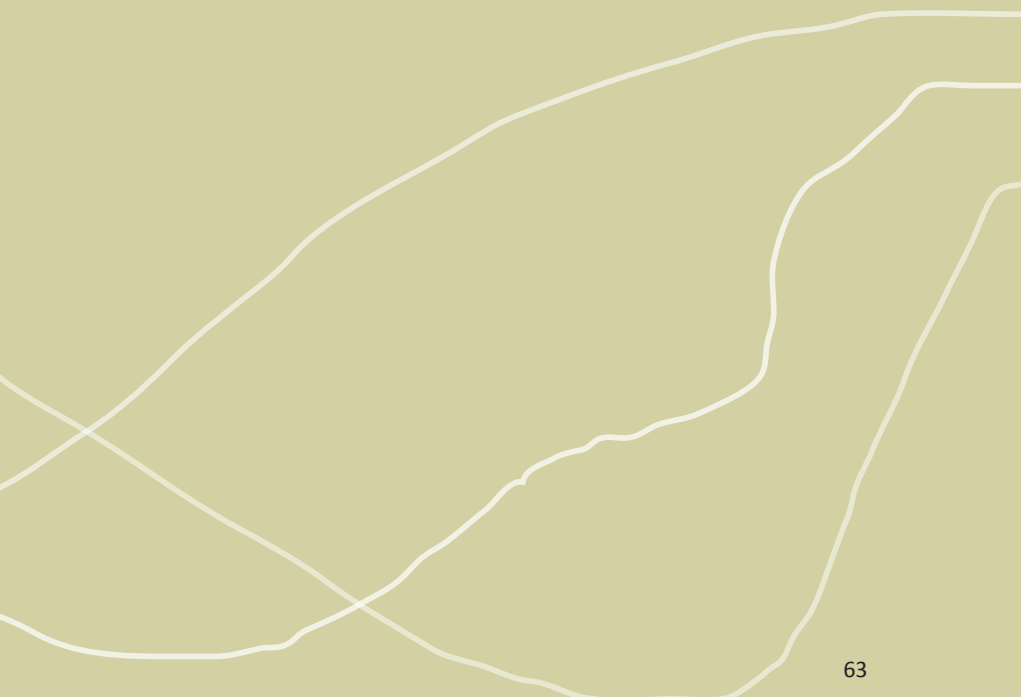
O pensar paisagístico: cultura e tecnologia nos jardins urbanos da amazônia

PEDRO MERGULHÃO



O USO DO VERBO *PENSER* (PENSAR), na língua francesa, implica em ideia e realização. No Brasil, os avanços conceituais para um “pensar paisagístico” são já consideráveis, ainda que demandem maiores aprofundamentos regionais. Na Amazônia isso pode estar associado à ideia de sua “invenção” (DIAS MENDES, 1974; GONDIM, 1994); esta que vem impondo à região e às suas populações um papel coadjuvante da sua história; e que se reflete na discussão sobre “o jardim urbano da Amazônia”. Ainda que considerando a relevância dos projetos, dos jardins, estes demonstram apologias à ideologia da importação de modelos e tempos já anacrônicos; além de não contribuírem para a politização, a inserção social e tecnológica, o reconhecimento cultural e o equilíbrio ecológico da paisagem, como possíveis caminhos para o desenvolvimento regional; além da perspectiva econômica da exportação de commodities. No entanto, os projetos paisagísticos na Amazônia, os jardins urbanos, públicos e privados, desempenham um papel

relevante no debate e para o amadurecimento crítico; de um lado eles reforçam a dependência histórica da região, mas por outro, também sugerem reflexões, se prestam ao conhecimento local, regional e nacional, e suscitam possibilidades e ideias. Deste modo, nossas reflexões se voltam para uma tentativa de contribuir para a construção de um “penser-conceitual”, racionalmente francês e sentimentalmente brasileiro, híbrido, em oposição a ideologias massificadoras, e na crença no ideal conciliatório em prol de uma Amazônia diversa, conservada em suas marcas de povos e culturas que veem construindo e sendo construídos por jardins, paisagens (DIAS PEREIRA, 2008).



Jardins urbanos e a
forma-jardim como vetores de
transformação da paisagem
e dos *habitus* da sociedade
amazônica

RUBENS DE ANDRADE



AS ALTERAÇÕES NA PAISAGEM urbana ocorridas na Amazônia, a partir da segunda metade do século XIX, criaram novos tipos de relações socioculturais, econômicas e artísticas em uma região que, praticamente, revelava-se isolada do restante do Brasil mas não se mantinha desconectada dos processos de reformulações urbanísticas, que atingiam as principais metrópoles do mundo naquele tempo. As cidades amazônicas estavam alinhadas a processos de mudanças em suas paisagens, sobretudo, aquelas que surgiam como expoentes da região: Belém e Manaus. Ao longo das trajetórias que demarcam a história urbana dessas cidades, destaca-se o conceito de *jardim urbano* e da *forma-jardim*, que conjuntamente, apresentam em si elementos imbuídos de historicidade e de estéticas que revelam ideologias, formas, modelos e usos que se manifestam/materializam ainda hoje no ambiente metropolitano em questão. Esse agrupamento de ações ativam diferenciados tipos de relações no cotidiano da cidade e, por sua vez,

pluralizam a forma de se interpretar o *habitus* urbano nos diferentes espaços-tempo das cidades amazônicas. A proposta deste trabalho limita-se a indicar como esses *jardins urbanos* e suas respectivas *formas-jardins* afetaram e ainda agem no desenho da paisagem de suas principais cidades, como ambos podem redimensionar o olhar para que se possa desvelar o *modus vivendi* de uma sociedade, cuja dinâmica parece, ainda hoje, imersa a um ideário onde a potência da sua fauna e flora, assim como seus ciclos climáticos se interpõem e regem ao cotidiano urbano do seu povo.

PARTICIPANTES



ALDEMAR NOREK | Arquiteto Urbanista da Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro | PGE e Professor Mestre Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRJ - PROARQ|UFRJ, doutorando no mesmo Programa de Pós-Graduação.

CARLOS TERRA | Professor Associado da Escola de Belas Artes da-EBA/ UFRJ, Doutor em História da Arte (PPGAV/ EBA). Coordenador do Grupo de pesquisas História do Paisagismo – EBA/ UFRJ, atualmente Diretor da Escola de Belas Artes da UFRJ.

EDGAR MONTEIRO CHAGAS JUNIOR | Professor da Universidade da Amazônia e da Secretaria de Educação do Estado do Pará. Geógrafo (UFPA), Mestre em Planejamento do Desenvolvimento (NAEA/UFPA) e Doutorando em Antropologia (PPGSA/UFPA).

FLÁVIO SILVEIRA | Professor Adjunto (UFPA) e docente dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia/ PPGSA e Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia/PPGLS. Biólogo (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Mestre em Antropologia Social pela UFSC e Doutor em Antropologia Social pela UFRGS.

GERALDO MARTIRES COELHO | Prof. Adjunto 3 (Aposentado) da Universidade Federal do Pará Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense. Doutor em História Cultural e das Mentalidades pela Universidade Nova de História. Pós-Doutor pela Universidade Nova de Lisboa. Doze (12) livros publicados.

HELENA TOURINHO | Arquiteta e Urbanismo (UFPa). Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Pará e Doutora em Desenvolvimento Urbano pela UFPe.

JADER DUARTE FERREIRA | Professor e Coordenador do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade da Amazônia-UNAMA. Geógrafo(UFPa), Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano pela Universidade da Amazônia. Doutorando em Geografia e Planejamento Regional na Universidade do Minho-Portugal.

JOÃO MEIRELLES FILHO | Empreendedor social e escritor. Diretor do Instituto Peabiru, cujo objetivo é “valorizar a diversidade cultural e ambiental e apoiar processos de transformação social na Amazônia”. A organização assiste 4.500 famílias em assistência técnica e extensão rural (ATER), apoio a cadeia de valor do açaí, da pesca, meliponicultura, e possui Parcerias com UNICEF em programas para municípios da Amazônia. Autor de 14 livros, com destaque para o Livro de Ouro da Amazônia, Editora Ediouro, 2007; e Grandes Expedições à Amazônia Brasileira, vol I - 1500 a 1930, vol II - século XX, Editora Metalivros, 2009 e 2011. respectivamente. Recebeu duas vezes o 1º Lugar na Categoria Social, do Prêmio Samuel Benchimol, do Banco da Amazônia, em 2012 e 2013.

JOSÉ JÚLIO FERREIRA LIMA | Professor Associado (UFPa), Arquiteto e Urbanista (UFPa), Mestre em Arquitetura - Fukui University e Desenho Urbano - Oxford Brookes University, Doutor em Arquitetura - Oxford Brookes University.

JOVENILDO CARDOSO RODRIGUES | Professor do curso de Graduação em Geografia da UNAMA. Doutor em Geografia pela UNESP e Pós-Doutorado do PPGEO/UFPA. Atua como professor colaborador do Programa de Pós-Graduação (MESTRADO) em Geografia - PPGEO/UFPA.

PEDRO MERGULHÃO | Professor Assistente na Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. Arquitetura e Urbanista pela UFPa; Aperfeiçoamento em Projeto de Habitação Social pela Escola de Arquitetura de Marselha/ França; Mestre em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco.

RUBENS DE ANDRADE | Professor Adjunto – EBA/UFRJ. Paisagista (EBA/UFRJ), Mestre em arquitetura (Proarq/FAU-UFRJ), doutor em Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ.

AGRADECIMENTOS



Universidade da Amazônia | UNAMA

Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCHS

Prof. Dr. José Janguê Bezerra Diniz (Reitor)

Profa. Dra. Maria Betânia de C. Fidalgo Arroyo (Vice-Reitora)

Prof. Dr. Luiz Benedito Varela (Pró-Reitor de Graduação)

Profa. Dra. Ana Maria A. Vasconcellos (Pró -Reitora de

Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão)

Prof. Me. Mário Tito Barros Almeida (Diretor do Centro)

Prof. Me. Jader Duarte Ferreira (Coord. Licenc. em Geografia)

Escola de Belas Artes| EBA/ UFRJ

Prof. Dr. Carlos Terra

Aldemar Norek

Aldones Nino

Ana Maria Barbosa Maia

Ananda do Socorro Oeiras dos Reis

Anderson Coelho Borges

Iranildo dos Santos Teixeira

Layane Martins Trindade

Mariana Martins

Paula de Lís Vieira Mendonça

Prof. Me. Pedro Mergulhão

Philippe Celeon Correa de Sousa Pontes

Regina Ferreira Mata